

## Fernando Bandeira Ferreira (1921-2003)\*

---

Embora me seja particularmente doloroso evocar a memória de um amigo que perdi e de um companheiro de trabalho durante dezenas de anos, faço-o cumprindo um acto de justiça e um dever de consciência. Direi porquê.

Licenciado em *Filologia Clássica* pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Julho de 1951, fui colocado em Outubro desse ano como professor provisório do 8º grupo (*Português e Francês*) na Escola Comercial e Industrial de Aveiro. Teria preferido ser colocado no Liceu Nacional de Aveiro, no 1º grupo de *Filologia Clássica* (*Grego e Latim*), já então de muito difícil colocação pela escassez de vagas. Tinha por reitor o Dr. José Pereira Tavares, homem de excepcionais qualidades humanas e pedagógicas e de grande competência, cuja amizade vinha da colaboração simultânea na *HVMANITAS*, revista fundada e dirigida pelo Prof. Rebelo Gonçalves.

Passados dois meses, em Dezembro de 1951, fui convidado e assumi funções de 2.º assistente na Faculdade de Letras de Lisboa. Foi então que conheci Fernando Bandeira Ferreira, há precisamente 53 anos. Por coincidência, morávamos perto um do outro, no Bairro de Campo de Ourique, e encontrávamo-nos no *Café Canas*, depois das aulas ou à noite. As aulas da Faculdade decorriam nas velhas salas da Academia das Ciências, emprestadas temporariamente a D. Pedro V, para funcionamento do Curso Superior de Letras, com a República convertido em Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que lá esteve 100 anos, e só agora essas salas foram restituídas à Academia, com a saída da Biblioteca Popular de Lisboa, último ocupante do espaço emprestado temporariamente, repito, do espaço emprestado temporariamente ao Curso Superior de Letras.

---

\* Intervenção na sessão de homenagem ocorrida na Sociedade de Geografia em 2004/06/16.

Disse há pouco que nos encontrávamos no Café *Canas*, onde apareciam também, entre outros, Joel Serrão e Jorge Borges de Macedo. Em Campo de Ourique moravam outros professores da Faculdade, como Maria de Lourdes Belchior, Luís Lindley Cintra, Joaquim Monteiro-Grilo e Adolfo Cabral. Pelo Café passavam igualmente os professores da Machado de Castro e do Pedro Nunes, a primeira a melhor escola comercial de Lisboa, e o segundo o único liceu onde decorriam então os estágios pedagógicos. Por estas razões, e a designação não é minha, havia quem chamasse a esta parte do Bairro de Campo de Ourique o *Quartier Latin* de Lisboa.

Bandeira Ferreira foi dos primeiros professores que conheci na Faculdade em Lisboa, depois dos catedráticos de quem eu era assistente: Rebelo Gonçalves e Simões Neves. Aproximaram-nos de imediato os estudos que professávamos, ele na *Arqueologia* – tendo embora ensinado noutras cadeiras – eu na *Filologia Clássica*, ou seja, no Grego e no Latim. Foi esta a razão por que iniciámos uma pesquisa conjunta na área da *Epigrafia*, da qual nasceram os vários tomos que publicámos intitulados *Varia Epigraphica*, dispersos por diferentes revistas, como a *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, então dirigida por Hernâni Cidade, e a *Revista de Guimarães*, dirigida por Mário Cardozo, um arqueólogo muito competente e de profunda erudição.

Creio não andar longe da verdade se disser que os estudos de *Epigrafia*, por nós cultivados conjunta ou individualmente, abriram uma nova época nesse domínio em Portugal. Nesta, com invulgar capacidade para a representação artística dos documentos – desenhava primorosamente – conseguia ler ou reconstituir os textos epigráficos, tarefa na qual eu dava a minha participação no domínio do *Latim* e do *Grego*. Também nisto foi nosso Mestre Leite de Vasconcelos, que legou aos vindouros uma obra epigráfica riquíssima.

Fernando Bandeira Ferreira possuía, porém, uma apetência cultural muito vasta que lhe deu azo a outros estudos para além da *Epigrafia*: com a mesma proficiência se ocupou das vias romanas da Lusitânia, da descrição de um astrolábio, de cerâmica pré-histórica e de temas relacionados com os Descobrimentos Portugueses, como seja, *As viagens de descobrimento de iniciativa particular no tempo de D. Henrique*, publicado nos «Cadernos da Seara Nova». A ermida de S. Mamede de Janas mereceu-lhe particular interesse, tendo até admitido que o topónimo *Janas* teria algo a ver com o mitónimo *Diana*, o que a fonética não contrariava, isto é, a evolução do grupo *Di*; inicial

de Diana evolucionara facilmente para *j*; tal como *diaria* evoluiu para *jeira*. E que o nome de Janas não encontrara ainda explicação para a sua origem, como até hoje ainda não encontrou – ainda que eu esteja convencido de que se trata de um antropónimo – e dava-se a coincidência de ser a igreja redonda e de serem redondos os templos consagrados a Diana. Mais tarde Bandeira Ferreira abandonou esta hipótese, e os estudos modernos, em especial de Cardim Ribeiro, demonstraram que não há ligação entre o mitónimo e o topónimo.

Esta dispersão foi, em grande parte, o motivo por que não concentrou a sua atenção num tema que lhe servisse de tese de doutoramento; outras razões houve, porque nesse tempo os assistentes percorriam com o seu trabalho quase todas as cadeiras do curso, o que obrigava a muitas horas de exigente preparação. Assim, no último dia do 6.º ano de assistência caducava o contrato para o assistente que não tivesse prestado provas de doutoramento, ficando desligado da função pública. Fernando Bandeira Ferreira foi de imediato nomeado, por intercessão de Manuel Heleno, para o cargo de «auxiliar de naturalista», deixado vago pela aposentação de Luís Chaves no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Só muito mais tarde ingressou no lugar de Inspector na Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos, que eu deixara vago e onde se manteve até á aposentação

Depois de Abril de 1974, ano em que fui demitido das funções públicas de Presidente da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, a actividade científica que vinha exercendo com Bandeira Ferreira prosseguiu no mesmo plano de estudo e de amizade, o que não aconteceu com algumas pessoas que comigo privavam. Deslocou-se até Benavente, minha terra-natal, para participar em escavações resultantes do aparecimento de cerâmica romana na várzea desta vila. Foi também aqui que lemos em conjunto cerca de mil moedas romanas de um tesouro pobre encontrado nos campos de Benavente e por mim adquirido. Devo a Bandeira Ferreira o conhecimento que tenho da numismática romana.

Já depois da sua transferência para Setúbal, onde passou a morar, me escreveu uma amável carta a autorizar a Câmara de Alenquer a reproduzir um trabalho nosso sobre uma inscrição lusitano-romana daquela cidade. Mas o maior favor que lhe fiquei a dever foi o auxílio que me prestou na revisão das provas da minha tese de doutoramento, o que manifestei no prefácio da mesma.

Merece particular relevância a revista *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, que Fernando Bandeira Ferreira fundou e dirigiu no Instituto Português do

Património Cultural e onde começou a publicar um dos seus mais importantes trabalhos: *Alguns topónimos indicativos de monumentos arqueológicos*.

Em breves palavras, procurei homenagear a memória de um amigo muito íntimo. Deveria talvez salientar mais a sua obra científica, mas estou certo de que o que disse será suficiente para se ajuizar do seu valor. O mais importante de tudo é que a Sociedade de Geografia de Lisboa, com a presente homenagem, não esqueceu um dedicado sócio que, durante muitos anos, deu o melhor do seu esforço às actividades das secções de Estudos Linguísticos, de Estudos Luso-Árabes, de Arqueologia e Luís de Camões.

Lisboa, 28 de Abril de 2004

Justino Mendes de Almeida